

## ***UNBOLIVABLE* – O DISCURSO ENDOCOLONIAL DA REVISTA *ISTOÉ* NO CASO DOS TORCEDORES BRASILEIROS PRESOS NA BOLÍVIA**

Fernando Zolin-Vesz (IFMT)  
Lucielena Mendonça de Lima (UFG)  
Flavia Braga Krauss de Vilhena (UNEMAT)

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos duas reportagens publicadas pela revista *IstoÉ*, no ano de 2013, que buscavam retratar o caso dos torcedores brasileiros presos na Bolívia após a morte de um adolescente boliviano durante um jogo de futebol. Nosso propósito é identificar as construções discursivas empregadas pela revista para (des)qualificar o país vizinho. Para tanto, lançamos mão das principais características do discurso colonial, tais como a dicotomia entre o familiar e o estranho, segundo Said (1978), as categorias “primitivo” *versus* “civilizado” e “tradicional” *versus* “moderno”, conforme propostas por Quijano (2011), e as generalizações, assentadas em Mills (2004), as quais nos parecem perpetuar um discurso endocolonial, que contribui, a nosso ver, apenas para a manutenção de relações de distanciamento e de não reconhecimento entre os países latino-americanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso endocolonial, Bolívia, revista *IstoÉ*

## ***UNBOLIVABLE* – THE ENDOCOLONIAL DISCOURSE OF *ISTOÉ* MAGAZINE IN THE CASE OF BRAZILIAN FOOTBALL FANS ARRESTED IN BOLIVIA**

**ABSTRACT:** This paper focuses on two articles published in 2013 editions of Brazilian *IstoÉ* magazine. They refer to the case of the Brazilian football fans arrested in Bolivia following the death of a local teenager during a football match. The aim of this paper is to identify discursive constructions employed by the magazine to disqualify Bolivia. To do so, the main characteristics of colonial discourse were taken, such as Said’s dichotomy (1978) between the familiar and strange, Quijano’s categories (2011) of primitive *versus* civilized and traditional *versus* modern, and Mills’ generalization concept (2004), all of which seem to perpetuate an endocolonial discourse that favours relations of detachment and non-recognition among Latin American countries.

**KEYWORDS:** Endocolonial discourse, Bolivia, *IstoÉ* magazine



Lucha contra el olvido, y para hacernos ver lo que los latinoamericanos nos hemos negado siempre a aceptar: que si bien estamos siempre dispuestos a denunciar las relaciones de desigualdad que Norteamérica mantiene con nosotros, nunca se nos ha ocurrido reconocer que también nosotros somos opresores, y que mantenemos relaciones que fácilmente pueden calificarse de coloniales (Burgos, 2011, p. 10).

## Introdução

Uma das notícias que mais repercutiu na mídia brasileira no ano de 2013 foi, certamente, a morte do adolescente boliviano Kevin Douglas Beltrán Espada, atingido por um sinalizador, supostamente deflagrado por um torcedor brasileiro durante o jogo de futebol entre os times *San José* e Corinthians, válido pela Taça Libertadores da América, em 20 de fevereiro, na cidade boliviana de Oruro. Doze torcedores brasileiros foram presos pela polícia boliviana, acusados de disparar o sinalizador em direção à torcida do time local, o que provocou grande discussão, no Brasil, sobre a segurança nos estádios sul-americanos e de quem seria a culpa, de fato, pela morte do adolescente.

Aproximadamente um mês após o episódio, a revista *IstoÉ*, uma das principais revistas semanais brasileiras, publicou, como matéria de capa, na edição n. 2.262, de 27 de março de 2013<sup>1</sup>, reportagem narrando “o drama dos torcedores brasileiros presos na Bolívia, vítimas de torturas, da inoperância da diplomacia brasileira e de uma chantagem de bolivianos”. Dois meses após esta reportagem, a revista voltou a publicar, na edição n. 2.270, de 22 de maio

---

<sup>1</sup> Reportagem disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/285264\\_O+DRAMA+DOS+BRASILEIROS+PRESOS+N A+BOLIVIA](http://www.istoe.com.br/reportagens/285264_O+DRAMA+DOS+BRASILEIROS+PRESOS+N A+BOLIVIA). Acesso em: 10 nov. 2013.

de 2013<sup>2</sup>, outra matéria de capa em que apresentava, com exclusividade, as “provas da chantagem boliviana”, uma vez que, segundo a reportagem, gravações de conversas entre um advogado brasileiro, contratado pelas famílias dos doze brasileiros presos, e o tio do adolescente, também advogado da família da vítima, comprovariam um pedido de dinheiro para, em depoimento, o advogado boliviano inocentar os torcedores brasileiros.

Neste artigo, propomos analisar ambas as reportagens publicadas pela revista *IstoÉ* a fim de identificar as construções discursivas empregadas para (des)qualificar o país vizinho, as quais nos parecem contribuir para perpetuar um discurso endocolonial (SODRÉ, 2012), já que produzido por uma revista de um país que também possui histórico de colonização europeia. Como um de nós já observou em trabalhos anteriores (ZOLIN-VESZ, 2013a, 2013b), estudos sobre o discurso colonial – que, há mais de quinhentos anos, rotula os povos dos países latino-americanos como inferiores, subdesenvolvidos e atrasados – se revestem de um papel ainda mais urgente: fazer com que essas relações venham à tona no mundo contemporâneo. Quando esse discurso é por nós mesmos, latino-americanos, (re)produzido, acreditamos ser imprescindível que essas relações sejam descritas e discutidas, para que, assim, possam ser, sobretudo, reinventadas. Antes, porém, de analisarmos ambas as reportagens, ampliamos a discussão sobre o que entendemos, neste artigo, por discurso endocolonial.

### **Discurso endocolonial – “nós” *versus* “nós”**

Como nos lembra Loomba (2005), é a obra *Orientalismo*, de Edward Said (1978), que inaugura os estudos sobre discurso colonial. À luz do pensamento da autora, o livro de Said não cuidava de culturas não ocidentais, mas das representações do Ocidente sobre essas culturas. Assim, essas

---

<sup>2</sup> Reportagem disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/299499\\_A+FARSA+BOLIVIANA](http://www.istoe.com.br/reportagens/299499_A+FARSA+BOLIVIANA). Acesso em: 10 nov. 2013.



representações contribuíram para a criação de uma dicotomia entre a Europa e seus “outros”, central para a manutenção e expansão da hegemonia europeia sobre outros territórios. O estudo do Oriente, portanto, não era objetivo, mas “uma visão política da realidade cuja estrutura promovia a diferença entre o familiar (a Europa, o Oeste, ‘nós’) e o estranho (o Oriente, o Leste, ‘eles’)” (SAID, 1978, p. 45).

Como amplia Quijano (2011), assentado no conceito de raça<sup>3</sup>, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa Ocidental e “o resto do mundo”, durante o período colonial, foram codificadas com base nas categorias Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/místico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno, ou seja, Europa e não Europa. Dessa forma, os povos colonizados, nomeadamente a não Europa, eram constituídos por raças inferiores. A Europa, por sua vez, era naturalmente superior.

Nessa seara, conforme Mills (2004), os povos colonizados eram desumanizados por meio de generalizações – uma massa indistinguível sobre a qual se poderia coletar “conhecimento” ou que poderia ser estereotipada. A descrição do “outro”, portanto, é geralmente em termos negativos. Essa negatividade é uma característica discursiva produzida dentro do contexto colonial que constituía as estruturas discursivas para produzir “conhecimento” e “verdade”.

Discurso endocolonial, em conclusão, se refere ao colonialismo interno (no caso deste artigo, de um país colonizado sobre outro também colonizado), “enquanto incorporação acrítica de valores coloniais do centro mundial” (SODRÉ, 2012, p. 132). Dessa forma, a dicotomia entre o familiar (a Europa, o “nós”) e o estranho (o Oriente, “eles”), conforme apresentada por Said (1978), e as categorias primitivo-civilizado, mágico/místico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno, propostas por Quijano (2011), são incorporadas aos discursos produzidos por países colonizados para aludir a outros países

---

<sup>3</sup> Para Quijano (2011, p. 219), raça é “una construcción mental que expresa la experiencia básica de la dominación colonial y que desde entonces permea las dimensiones más importantes del poder mundial, incluyendo su racionalidad específica, el eurocentrismo”.

também colonizados, em uma dicotomia paradoxal, que se constitui na relação “nós” (colonizados, mas superiores, civilizados e modernos) *versus* “nós” (os outros colonizados, inferiores, primitivos e atrasados), apesar de existir, como nos lembra Sodré (2012, p. 132), “toda uma movimentac o civil empenhada em desconstruir os clich s discriminatórios do século XIX”.

A constru o desse outro “nós”, ao mesmo tempo tão próximo e tão “inacreditável” (o neologismo *unboliviable*, que se constitui com a palavra *bolivia*, prensada entre o prefixo de negac o *un-* e o sufixo *-able*,   um trocadilho com a palavra em inglês *unbelievable*, usado pela revista *Istoé* para se referir negativamente ao país vizinho), parece ser a discussão-chave sobre uma possível defini o para discurso endocolonial neste artigo. A proximidade geográfica não impede o distanciamento – que chega a desembocar em não reconhecimento –, fazendo com que a Bolívia seja (des)qualificada como um país não só diferente, mas também inacreditável. Vale ressaltar que esse trocadilho aparece, originalmente, na primeira reportagem da revista, na voz de um funcionário brasileiro, para se referir ao sistema judicial boliviano. Neste artigo, trata-se de uma releitura do mesmo trocadilho: se, para o funcionário brasileiro, *unboliviable* se refere ao sistema judicial corrupto da Bolívia, para nós, o termo constitui o próprio discurso endocolonial.

### **Uma Bolívia *unboliviable***

Para a análise, lançamos mão das principais características do discurso (endo)colonial, tais como a dicotomia entre o familiar e o estranho, segundo Said (1978), as categorias primitivo *versus* civilizado e tradicional *versus* moderno, conforme propostas por Quijano (2011), e as generaliza es, assentadas em Mills (2004), que discutimos na se o anterior. Iniciamos pelas capas de ambas as edi es da revista *Istoé*.



Figura 1 – Capas das edições n. 2.262 e 2.270 da revista *IstoÉ*, de 27-3-2013 e 22-5-2013, respectivamente

A edição n. 2262, de 27 de março de 2013, traz como manchete a expressão “Abandonados na Bolívia”, em referência aos torcedores brasileiros presos no país vizinho. Logo abaixo, segue uma síntese da reportagem: “o drama dos torcedores presos há mais de um mês no país vizinho. Eles são vítimas de *torturas*, da inoperância da *diplomacia* brasileira e de uma *chantagem* de bolivianos, que exigem *dinheiro para libertá-los*”. Três palavras – *torturas*, *diplomacia* e *chantagem* – e uma expressão – *dinheiro para libertá-los* – aparecem grifadas em amarelo para chamar a atenção para os quatro aspectos que são tratados com requinte de detalhes ao longo das oito páginas da reportagem (p. 52-59). Completando a capa, ainda aparece a foto de cinco dos torcedores, todos atrás de grades de uma cela de prisão.

Já a edição n. 2270, de 22 de maio de 2013, insere o título “Exclusivo: provas da chantagem boliviana”. A síntese, logo abaixo, ressalta que “o tio do garoto Kevin e advogado da família pede dinheiro para dar um depoimento que inocente os torcedores do Corinthians presos há 90 dias”. A capa encarta ainda duas afirmações atribuídas a Jorge Ustarez Beltrán, tio de Kevin e

advogado da família: “propomos a vocês acabar de vez com esse processo. Os familiares buscam uma reparação material...” e “... estou consciente de que os 12 (torcedores presos) não são culpados pela morte do Kevin”. Duas fotos possuem destaque: uma de Jorge, tio de Kevin, ao lado da primeira afirmação, e outra de Kevin, ao lado da segunda afirmação. Há, em reforço, as fotos de quatro dos torcedores presos, retiradas da capa da edição n. 2262, que aparecem no fundo da capa – como pequenos lembretes, para remeter o leitor à reportagem anterior.

O fundo de ambas as capas nos parece revelar os primeiros indícios do discurso endocolonial adotado pela revista *IstoÉ* em relação à Bolívia. Como se vê, é a cor preta que predomina no fundo das capas. A escolha dessa cor certamente não é aleatória. Se observarmos a imagem da primeira capa, da edição n. 2262, os torcedores brasileiros estão do lado de dentro da cela, que vai se configurando em tons escuros até se tornar totalmente preta. Nesse momento, então, ganha destaque a manchete da reportagem – “Abandonados na Bolívia”. A cor preta, portanto, nos parece remeter à Bolívia, já que os torcedores brasileiros estão presos e abandonados no país vizinho. De igual modo, na segunda capa, da edição n. 2270, é a cor preta que predomina, remetendo-nos ao lugar escuro de onde se enunciam as afirmações do tio de Kevin e advogado da família – a Bolívia. Retomando a categoria mágico/místico-científico do discurso colonial, conforme proposta por Quijano (2011), é na Bolívia – esse lugar escuro, sombrio, místico – que os torcedores brasileiros estão presos, descrito em minúcias pela revista ao narrar as intempéries a que estão submetidos, como torturas e chantagens.

Por ser esse lugar escuro, a Bolívia também é associada ao atraso. A abertura da primeira reportagem, da edição n. 2262, escrita por Amauri Segalla, Claudio Dantas Sequeira e Rodrigo Cardoso, parece retomar mais uma das categorias do discurso colonial propostas por Quijano (2011) – a categoria “primitivo-civilizado”.

Na Inglaterra do século XVIII, uma forma de tortura assombrava os prisioneiros. Quando nevava ou chovia forte,



eles eram obrigados a passar as madrugadas ao relento, distantes uns dos outros para evitar que se aquecessem, e completamente nus. Na Bolívia do século XXI, seis brasileiros foram arrancados, durante a noite, de suas celas na Penitenciária de San Pedro, em Oruro, levados ao pátio aberto e forçados a tirar a roupa. Ficaram assim durante 30 minutos e a uma temperatura próxima de zero grau. Nos gulags, os campos de confinamento de presos políticos erguidos na União Soviética de meados do século passado, os detentos rebeldes eram trancafiados em um quarto escuro, sem janela e banheiro, e ali ficavam vários dias em meio a fezes e restos de alimentos. Na Bolívia do século XXI, alguns brasileiros foram levados para um cárcere – o “calabouço”, como os guardas chamam esse lugar – sem acesso a luz natural e desprovido de vaso sanitário, e lá permaneceram até que alguém achasse que o castigo era suficiente (p. 53-54).

Para historiar as torturas a que os torcedores brasileiros estão sujeitos na penitenciária de Oruro, os autores da reportagem lançam mão do recurso da comparação entre tipos de tortura “primitivos”, empregados em séculos passados – “na Inglaterra do século XVIII”, “nos *gulags* [...] de meados do século passado” –, e as torturas, contra os brasileiros, ocorridas na “Bolívia do século XXI”. Se, por um lado, essas comparações geram efeito de comoção e revolta pela violência que os brasileiros estão sofrendo em solo estrangeiro, porque associada com a violação dos direitos humanos e com um discurso patriótico, como abordaremos noutro passo, por outro constroem também a representação de uma Bolívia do século XXI, equivalente a uma Inglaterra do século XVIII e a uma União Soviética do século passado. Atrasada, ainda possui um sistema penitenciário que tortura seus prisioneiros por meio de métodos arcaicos, desumanos, relacionados com séculos passados, primitivos. Portanto, essa arquitetura do excerto, construída por exemplos históricos de tortura, seguidos pela descrição do presídio boliviano na atualidade, parece gerar o efeito de sentido que o sistema penitenciário atual – e o país, por extensão – se situa “no mesmo pacote” que os exemplos de tortura famosos historicamente, reforçando sua vinculação ao atraso.

Esse sistema prisional, que tortura de forma desumana e primitiva, encontrado ainda em uma Bolívia atrasada do século XXI, encerra

determinadas peculiaridades que, inclusive, permitiram a reportagem da revista:

O repórter Rodrigo Cardoso entrevistou, por telefone, seis dos 12 corintianos encarcerados (*leia os depoimentos nos quadros desta reportagem*). Ele conseguiu a façanha graças a uma aberração do sistema prisional boliviano. Dentro da cadeia de San Pedro há um orelhão. Basta discar o número do telefone – e ter a sorte de não ser maltratado pelo boliviano do outro lado da linha – para conversar com os detentos. Isso mesmo. Digamos que fulano tenha praticado um crime. Se você quiser falar com ele, é só telefonar. É assim que os familiares dos corintianos matam a saudade e colhem notícias do sufoco que os brasileiros estão enfrentando (p. 55-56).

Como se observa no excerto da reportagem, foi devido a uma “aberração do sistema prisional boliviano” que o repórter Rodrigo Cardoso conseguiu entrevistar seis dos torcedores brasileiros presos. Essa aberração se refere à existência de um telefone público dentro da cadeia, que permite, inclusive, que os familiares possam obter notícias sobre as intempéries às quais os brasileiros estão submetidos. A construção dessa anomalia, do não cumprimento da norma – afinal, se o sujeito está preso, deve estar também incomunicável, pois a prisão implica a privação da sua liberdade, que inclui a incomunicabilidade –, portanto, apenas se torna possível em um sistema penitenciário, de um país atrasado, que beira o aberrante, ou, ainda, o “inacreditável”, para reaver a discussão que propomos neste artigo.

Além de torturar seus presos e ser aberrante, o sistema prisional boliviano também é corrupto.

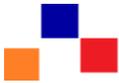
No filme *Expresso da Meia-Noite*, do cineasta inglês Alan Parker, um americano sofre o diabo em uma prisão turca, que aparece como o verdadeiro inferno na terra, dominada por assassinos, traficantes e gente que está disposta a tudo para fazer o mal a outras pessoas. Os cárceres bolivianos não estão muito longe disso. Além dos maus-tratos aos presos e da prática abominável da tortura, os presídios do país mais pobre da América do Sul são controlados por uma intrincada rede de corrupção. Não é exagero dizer que, na maioria dos casos, só sai da cadeia quem paga – caro – por isso. Ou seja: se você, por um azar qualquer, for preso no continente americano, como os torcedores corintianos, o pior lugar para que isso aconteça é a



Bolívia [...] O sistema judicial da Bolívia é tão corrupto que virou piada. “A gente chama isso aqui de unbolívia”, diz um funcionário brasileiro, num trocadilho com a palavra americana “unbelievable”, que significa inacreditável (p. 58-59).

No excerto mencionado da reportagem, vários aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, a comparação entre “os cárceres bolivianos” e a narrativa do filme *Expresso da meia-noite*, dirigido por um cineasta inglês, parece reforçar o discurso endocolonial, adotado pela revista, como incorporação acrítica de valores coloniais do centro mundial, conforme discutimos em passo anterior. Se, na narrativa do filme, um americano sofre “o diabo” em uma prisão turca, na prisão boliviana de Oruro são os brasileiros presos que estão sofrendo. Metaforicamente, ambas as prisões são comparadas a “o verdadeiro inferno na terra, dominada por assassinos, traficantes e gente que está disposta a tudo para fazer o mal a outras pessoas”. A incorporação acrítica de valores coloniais se situa nessa comparação, que acaba construindo efeitos de sentido entre a prisão turca do filme e a prisão boliviana de Oruro, ambas tidas como lugares inóspitos, em que se “sofre o diabo”, o “verdadeiro inferno na terra”. As escolhas lexicais, inseridas no mesmo campo semântico – “diabo” e “inferno” –, nos levam, basicamente, à dicotomia entre o bem e o mal, na qual a prisão boliviana é o próprio mal – e, por extensão, a própria Bolívia.

Além disso, é trazido um novo dado em relação aos presídios bolivianos – “são controlados por uma intrincada rede de corrupção”. Devido a esse aspecto, o pior lugar do continente americano para ser preso é a Bolívia. Não bastassem as torturas, é preciso ainda enfrentar a corrupção dos sistemas prisional e judiciário. Outro aspecto empregado para se referir à Bolívia e que, de alguma forma, justifica esse sistema aberrante e corrupto, é a afirmação de que o país vizinho é o mais pobre da América do Sul, o que também poderia justificar seu atraso, que descrevemos em passagem outra. Contudo, é a corrupção do sistema judicial que se destaca, sendo, inclusive, motivo de



piada – o neologismo *unboliviable*, que empregamos como título deste artigo, funciona, no excerto, para se referir a esse sistema inacreditável.

No entanto, ainda que os presídios bolivianos sejam corruptos (tema que escapa ao escopo desta reflexão), a denúncia feita nessa primeira reportagem recai sobre o tratamento recebido pelos brasileiros por parte dos bolivianos. Esta parece ser a grande preocupação da reportagem: os brasileiros estão abandonados – conforme trazido, com destaque, na capa da revista – nesse solo inóspito, *unboliviable*, boliviano. Logo na capa – e, posteriormente, ao longo dessa primeira reportagem –, portanto, temos indícios que apontam em direção ao que podemos chamar de discurso patriótico, ao desejo de que a “pátria mãe gentil” resolva a “luta” de cada um desses brasileiros, ao invés de virar as costas para eles, que vem a ser a grande indagação da reportagem, como aparece no seguinte trecho: “por que foram abandonados pela diplomacia brasileira? Por que o Brasil virou as costas para eles?” (p. 54). É esse discurso patriótico apresentado pela reportagem que parece ser empregado como justificativa para as construções discursivas que (des)qualificam a Bolívia como um país inacreditável.

Esse discurso patriótico também emerge na exigência da matéria pela libertação dos brasileiros do “calabouço” boliviano. Na reportagem, a palavra “calabouço” aparece na voz de um funcionário boliviano, mas já em português e entre aspas: “alguns brasileiros foram levados para um cárcere – o ‘calabouço’, como os guardas chamam esse lugar” (p. 54). *Calabozo* – calabouço, em espanhol –, de modo geral, e na Bolívia, em particular, é um substantivo equivalente a *cárcel* – cadeia, em português. Entretanto, a reportagem lança mão do efeito de sentido gerado por esse falso cognato e o transfere para o português para advogar pela violência e corrupção anacrônicas do sistema carcerário boliviano, em um movimento de desqualificação do país vizinho, que, neste artigo, culmina com o que denominamos discurso endocolonial.

Entretanto, se, nessa primeira reportagem, a corrupção é associada principalmente ao sistema judicial boliviano, já que integra um país atrasado,



o mais pobre da América do Sul, à luz da segunda reportagem, a corrupção passa a ser generalizada como caracterização do povo boliviano, por meio dos sintagmas “provas da chantagem boliviana”, manchete da capa da revista, e “a farsa boliviana”, título da reportagem:

#### EXCLUSIVO

##### A farsa boliviana

Gravação comprova que tio e advogado de Kevin Beltrán Espada, morto por um sinalizador no jogo Corinthians e San José há três meses, quer dinheiro para inocentar, em depoimento, os 12 torcedores brasileiros presos na Bolívia (p. 72).

Como vemos, devido ao processo de generalização, são os bolivianos, na qualidade de grupo, que recebem a representação de corruptos: a chantagem e a farsa são dos bolivianos, e não da família do adolescente que foi morto pelo sinalizador. Essa generalização se revela importante, pois, tanto no subtítulo quanto nas seis páginas (p. 72-77) da segunda reportagem, a autoria da suposta chantagem é atribuída a Jorge Ustarez Beltrán, tio de Kevin e advogado da família. No entanto, ao empregar “boliviana”, adjetivando os substantivos “chantagem” e “farsa”, a representação se torna válida para todos os bolivianos. Se, por um lado, esse efeito de generalização pode ser interpretado como um recurso eficaz para chamar a atenção de possíveis leitores para a edição da revista, por outro, esse recurso se pauta justamente em uma das características do discurso colonial. Conforme já discutimos, os povos colonizados eram desumanizados por meio de generalizações, ou seja, tratava-se de uma massa indistinguível, o “outro”, geralmente descrito em termos negativos. No caso desta reportagem, parece contribuir para endossar o discurso endocolonial que a revista *IstoÉ* adota para se reportar à Bolívia, acrescido o povo boliviano.

Em conclusão, a análise que propomos neste artigo parece conduzir a determinados efeitos de sentido que tropeçam no “nós” (Brasil) *versus* “eles” (Bolívia, atrasada, corrupta, tão *unboliviable*), travestidos de um discurso

endocolonial, justamente devido ao histórico de colonização violento e aculturador que nos impede de nos reconhecemos como iguais. Como salientamos já na introdução, quando esse discurso – que, há mais de quinhentos anos, nos rotula como inferiores, subdesenvolvidos e atrasados – é por nós mesmos, latino-americanos, (re)produzido, se torna ainda mais urgente fazer com que essas relações venham à tona no mundo contemporâneo.

### **Considerações (nada) finais – por discursos *boliviables***

Neste artigo, intentamos analisar duas reportagens publicadas pela revista *IstoÉ* que buscavam retratar o caso dos torcedores brasileiros presos na Bolívia após a morte de um adolescente boliviano, atingido por um sinalizador, supostamente deflagrado por um dos torcedores, durante um jogo de futebol. Nosso propósito foi identificar as construções discursivas empregadas pela revista para (des)qualificar o país vizinho, as quais nos parecem contribuir para perpetuar um discurso endocolonial. Como procuramos demonstrar, são as representações negativas – misticismo, atraso, subdesenvolvimento, corrupção –, como heranças do discurso colonial, associadas, portanto, a valores coloniais, que ambas as reportagens da revista parecem (re)produzir, contribuindo, assim, para a perpetuação da relação “nós” (colonizados, mas superiores, civilizados e modernos) *versus* “nós” (os outros colonizados, inferiores, primitivos e atrasados), que discutimos em passagem anterior.

Entretanto, não nos parece mais ser aceitável que essa relação continue a ser incorporada, acriticamente, nas relações que estabelecemos com os demais países latino-americanos. O mesmo processo histórico que nos distancia, que não permite que nos reconheçamos como iguais, que autoriza piadas e trocadilhos como o *unboliviable*, não pode continuar a ditar as regras. Pensemos em discursos de posituação, de aproximação, discursos totalmente



*bolíviáveis*, para que um dia, de fato, possamos compreender que aquilo que nos faz distanciar é o que, na verdade, nos aproxima – nossa herança colonial.

## Referências

BURGOS, E. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia**. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 2011, 20a. reimp.

LOOMBA, A. **Colonialism/Postcolonialism**. Londres/Nova York: Routledge, 2005.

MILLS, S. **Discourse**. Londres/Nova York: Routledge, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (org.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2000. p. 219-264.

SAID, E. W. **Orientalism**. Londres: Routledge, 1978.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação – diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZOLIN-VESZ, F. A Espanha como o único lugar em que se fala a língua espanhola – a quem interessa essa crença? In: ZOLIN-VESZ, F. (org.) **A (in)visibilidade da América Latina no ensino de espanhol**. Campinas: Pontes, 2013a. p. 51-62.

ZOLIN-VESZ, F. O discurso científico/colonialista norte-americano sobre Xuxa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol. 13, n. 1, 2013b. p. 245–257.

Recebido em 12 de novembro de 2013.

Aprovado em 27 de janeiro de 2014.

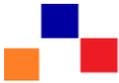
### **Fernando Zolin Vesz**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é técnico em assuntos educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) – câmpus Cuiabá-Bela Vista.

E-mail: fernando.vesz@blv.ifmt.edu.br

### **Lucielena Mendonça de Lima**

Professora da área de espanhol na Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui doutorado em Filologia Hispânica pela Universidade de Oviedo, Espanha. É



coordenadora do programa de parcerias universitárias de graduação de línguas espanhola e portuguesa do MERCOSUL na UFG.

E-mail: [lucielenalima@gmail.com](mailto:lucielenalima@gmail.com)

**Flavia Braga Krauss de Vilhena**

Professora de língua espanhola e estágio supervisionado em língua e literatura espanhola na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – câmpus de Tangará da Serra. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: [flaviakrauss@hotmail.com](mailto:flaviakrauss@hotmail.com)